

Construção da profissionalidade de jovens trabalhadores na cultura do imediatismo

Keli Cristina Lautert

Sinara Leote Silva

Resumo: Com este estudo, pretende-se compreender como as juventudes deste século constroem sua profissionalidade e como vão dando sentido às suas existências em um mundo no qual o trabalho desempenha um papel central na constituição das subjetividades. A construção da profissionalidade que é apresentada neste estudo diz respeito ao trabalho formal exercido em corporações empresariais e está associada às carreiras profissionais das juventudes que têm acesso à educação superior. O texto possui como referência revisão bibliográfica e resultados de entrevistas, as quais foram realizadas com alguns jovens trabalhadores e com gestores que lideram jovens e participaram de estudo apresentado em dissertação de mestrado sob mesmo título deste artigo.

Palavras-chave: Juventudes; Trabalho; Sentido.

Young workers of professionalism construction in culture immediacy

Abstract: This article aims to understand how the youths of this century build their professionalism and how they will give meaning to their existence in a world in which work plays a central role in the formation of subjectivities. The construction of professionalism that is presented in this study concerns the formal work done in business corporations and is associated with the professional careers of youths who have access to higher education. The text is as reference literature review and results of interviews with some young workers and managers who lead young and were part of a dissertation as the same title.

Keywords: Youths; Job; Sense.

Introdução

Este artigo originou-se da dissertação de mestrado com o título “A construção da profissionalidade de jovens trabalhadores na cultura do imediatismo”, e contou com entrevistas semi-estruturadas, com uma pequena parcela de jovens na faixa etária entre 20 e 30 anos e seus gestores, selecionados intencionalmente. A partir do objetivo geral da pesquisa, buscamos compreender como as juventudes deste século constroem sua profissionalidade e como dão sentido às suas existências em um mundo onde o trabalho desempenha um papel central na constituição das subjetividades. Como importantes vetores de transformação em novos modos de existir, foram considerados o capitalismo globalizado e a cultura do imediatismo.

Novaes questiona, em encontro da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) – *Juventudes: possibilidades e limites* –, que diferença existe entre as juventudes:

O que teria essa juventude, cuja idade é de 15 a 29 anos – para usar o critério hoje adotado no nosso país –, em relação a outras juventudes em termos de marcos geracionais, que certamente não serão os mesmos das próximas juventudes? Em que contexto social ela vive? Ela experimenta sentimentos diferenciados, já que existem *juventudes*, com “s”, [...]

que estão separadas por questões de origem social, de classe social, local de moradia, cor, gênero, por questões de religião, enfim, que determinam toda uma série de mudanças, de diferenciações sociais internas. (NOVAES apud GOMES, 2011, p. 99, grifo do autor)

Buscamos, ainda, compreender as novas formas de trabalho dessa geração, o que os move a agir de modo diferente e como foi se construindo essa nova maneira de existir em relação ao trabalho e às perspectivas de profissionalização.

Para tanto, o presente artigo está estruturado primeiramente em qual o sentido de ser jovem no mercado de trabalho, como encontra-se o mundo relacionado ao trabalho e que mudanças ocorreram, o que é ser jovem e qual a relação das juventudes com o trabalho.

Sentidos de ser jovem no mercado de trabalho

Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, a procura do significado. (GEERTZ, 2008, p. 15)

Nos últimos 50 anos obteve-se uma aceleração no modo de fazer e pensar o trabalho, no jeito de produzir conhecimento e no cotidiano, além de uma enorme mudança de conceitos, onde a palavra de ordem passou a ser praticidade.

Oliveira (2010), nos traz que a tecnologia tornou-se decisiva para criar marcas de tempo e definir as gerações. Parece que o intervalo entre uma geração e outra ficou mais curto. Atualmente, pode-se pensar que uma nova geração surge a cada 10 anos, o que significa que cada vez mais pessoas diferentes estão convivendo: em casa, na universidade, no mercado de trabalho e nas relações em geral. Com várias gerações convivendo ao mesmo tempo, torna-se necessário lançar um olhar para o aprendizado que se pode obter desta interação.

Nesse âmbito, os sujeitos comunicam-se, competem, cooperam e aprendem. Essas reações e outras nos tornam responsáveis por nossa relação interpessoal no ambiente de trabalho. O sujeito busca nas instituições a formação profissional, que passa por essa interação a todo o momento. Refletir sobre o processo de aprendizagem e como acontece essa interação parece ser de fundamental importância na busca pela razão que motiva o profissional a aprender e a permanecer na empresa.

Nesse contexto, existem diferenças, e muitas! O objetivo, aqui, é buscar compreendê-las em uma pequena parcela intencional de jovens que estejam construindo sua profissionalidade, no sentido de buscar significados, abordando pontos da vida pessoal e profissional dessas juventudes. Esse foi o desafio deste estudo, além de buscar junto aos respectivos gestores de empresas, empresários ou consultores o modo como percebem tais jovens quando se encontram em atuação como seus funcionários.

O que teria essa juventude, cuja idade é de 15 a 29 anos – para usar o critério hoje adotado no nosso país –, em relação a outras juventudes em termos de marcos geracionais, os quais certamente não serão os mesmos das próximas juventudes? Em que contexto social ela vive? Ela experimenta sentimentos diferenciados, já que existem *juventudes*, com “s”, que estão separadas por questões de origem social, de classe social, local de moradia, cor, gênero, por questões de religião, enfim, que determinam toda uma série de mudanças, de diferenciações sociais internas (NOVAES apud GOMES, 2011).

Os jovens que fazem parte deste estudo estão na faixa dos 20 aos 30 anos de idade e, na ocasião, atuavam na iniciativa privada e pública. Apesar de a UNESCO e de outros órgãos contemplarem estudos

em um intervalo de 15 a 29 anos, nossa escolha pela faixa supracitada deu-se pelos seguintes motivos:

- a) Aos 20 anos, a grande maioria dos jovens já está trabalhando ou ingressando no mercado de trabalho, tem claro que rumo deseja seguir, cursa ou quer cursar uma faculdade (os que têm acesso) e sabe – ou possui uma ideia – quais são as suas aspirações;
- b) Com relação ao limite de 30 anos, no decorrer do projeto, fora colocada a questão de que os jovens queriam estar no topo aos 30 anos.

O teor desta investigação busca o entendimento sobre como esses jovens construíram e constroem sua profissionalidade e sobre quais os sentidos dão a tal processo.

Não há como fazer pesquisa em educação sem pensar que existem influências na construção da profissionalidade desses jovens as quais interferem na sua formação, tais como temas ligados à família, à escola e às empresas em que atuam ou irão atuar. Quando chegam às empresas, eles não chegam prontos, e por isso o termo “construção” foi muito utilizado na pesquisa.

Drucker (1993) afirma que a ação educativa não tem mais como centrar-se apenas na escola e na família: deve tornar-se bem mais ampla, explorando espaços como os das empresas. Segundo o autor, toda instituição empregadora precisa proporcionar educação aos seus membros, aqui chamados de colaboradores.

Os jovens da cultura contemporânea que fizeram parte do estudo são chamados por alguns autores de “Geração Net” ou “Geração Y”. Conforme Catanante e Filliage (2011), são as pessoas nascidas entre 1975 e 1989. Outros autores definem como Geração Net os nascidos de 1980 a 1999. Esses jovens nasceram em meio a facilidades tecnológicas como TV a cabo, telefone celular, *paggers*, internet e outras ferramentas, o que os faz ter uma facilidade maior com a tecnologia. Já nasceram com ela e é muito provável que, sob sua influência, tenham uma maneira diferente de agir no tocante ao tema da profissionalidade.

Bauman (2001) ilustra bem a contemporaneidade como certa incapacidade de manter nossas referências, nossos valores, nossos estilos de vida; não temos tempo hábil de solidificar costumes e hábitos, visto que já mudam rapidamente. Tais características são percebidas tanto nas nossas residências quanto nos ambientes empresariais e educacionais. Mas o que mudou exatamente? Essa é uma das inquietações que nos fizeram ter coragem de nos aprofundarmos nesse tema.

No que tange aos jovens da cultura contemporânea que se inserem e/ou se preparam para o mercado de trabalho, percebemos características bem diversas se comparados aos jovens de 30 anos atrás. Reforça-nos Setton (2005), quando aborda o processo de construção da identidade social e pessoal em um ambiente de emergência. A autora, citando Giddens (1991), aponta três dimensões que fazem parte das transformações ocorridas na modernidade, a saber: a ressignificação do tempo/espaço, o desencaixe e a reflexividade.

Giddens apresenta-nos um pano de fundo, contextualiza sociologicamente o surgimento de outra ordem social que influencia profundamente a constituição de um novo homem, a forma como esse homem pensa sobre si mesmo e sobre suas relações e como ele se orienta e constrói a realidade a que pertence. (SETTON, 2005, p. 336)

Essa nova maneira de existir tende a determinar, ainda de acordo com Setton (2005), com base nas ideias de Giddens (1994) e Benjamin (1983), novos modos de percepção dos indivíduos com relação ao mundo, aumentando sua capacidade reflexiva e ampliando, assim, seu potencial de articulação diante das demandas de informações a que têm acesso. Antunes e Alves (2004) asseveram que, nas últimas três décadas, ocorreram muitas mudanças no que se refere à classe trabalhadora, a qual representa a totalidade de

homens e mulheres que vivem da venda de sua força de trabalho. Tal classe trabalhadora e suas mudanças é o que se buscou entender na pequena parcela pesquisada. Alguns jovens entram mais tarde no mercado de trabalho; quais são os motivos que os movem a agir assim?

Em conformidade com Abramovay e Esteves (2007), os estudos colocam em discussão algumas interpretações de senso comum que são construídas sobre os jovens e as juventudes, nas quais são acentuados o individualismo, o desinteresse pela política, a recusa ao trabalho, o consumismo; uma imagem, dizem os autores, construída pelo negativismo. No contraponto, Gonçalves (2005) busca esclarecer tais interpretações, questionando o papel da família, da escola e do trabalho na vida dos jovens, salientando que eles administram de maneira criativa a transição para a vida adulta.

Seguindo essa linha de raciocínio, no momento em que entramos no mercado de trabalho e conseguimos nosso primeiro emprego, faz parte do processo adquirir experiência, aprendizado e conhecimento do negócio, o que demanda tempo. O modelo de inserção neste século parece ter mudado um pouco: os jovens têm mais anos de estudos se comparados aos jovens de 30 anos atrás e, bem provável por isso, almejam melhores posições ao entrar no mercado de trabalho. As empresas, todavia, não acompanharam com tanta rapidez esse processo, e diante disso estamos vivendo alguns conflitos internos, tais como:

- a) alta rotatividade dos jovens, comportamento considerado como indisciplina perante seus superiores, faltas ao trabalho sem justificativa, entre muitos outros impasses. Experimentam e trocam de empregadores com bastante facilidade, o que os faz formar um currículo talvez não tão atrativo ao universo corporativo, impedindo-os muitas vezes de ingressar em empresas que lhes tragam mais satisfação e possibilidades reais de crescimento. Essa é uma parcela de jovens;
- b) percebemos um mercado temeroso: de um lado, jovens diante da dificuldade de se recolocar; de outro, sobram nas empresas vagas para pessoas qualificadas, já que gestores e empresários temem contratar jovens, investir e, em curto espaço de tempo, perdê-los por trocarem de empresa. Algo falha nessa engrenagem. Segue abaixo depoimento de um gestor:

O jovem que entra aqui tem pressa; se eu disser que ele vai passar dois anos estagiando antes de almejar um cargo, ele não fica. A nossa sensibilidade, em função da cultura que absorvemos na companhia, não se aplica mais ao pessoal jovem. (CASE-STUDY NES-TLÉ, 2009, p. 100)

Em consonância com Bauman (2001), percebe-se uma dificuldade em saber quem promoverá alguma transformação e o que irá fazer para tornar melhor ou mais feliz um mundo no qual as modificações de contexto ocorrem em uma velocidade cada vez maior. No que concerne às empresas, questiona o autor: como manter a identidade em uma época líquido-moderna?

As transformações sociais das últimas décadas marcam nossa geração a partir de fluidez e descartabilidade, conforme reforça Fontenelle (2009 apud NERI, 2010). Bauman (2001 apud NERI, 2010) utiliza o termo fluidez, dando-nos a ideia de uma metáfora para analisar as principais características da era contemporânea. Comparando sólidos e líquidos a fim de analisar essas transformações, diz que, na passagem da era sólida – mais tradicional – para a modernidade líquida, a sociedade e seus métodos de organização não mantêm sua forma; não ficam muito tempo nessa situação, assim não se fixando e se prendendo no tempo. Tais fenômenos deixam principalmente os mais tradicionais, que na dissertação chamamos de Geração X, perplexos.

Ainda com Bauman (2001 apud NERI, 2010) que nos reforça esse pensamento, quanto à fluidez, de que estruturas com problemas de infiltração e vazamentos não aguentam muito tempo. Enfatiza ainda o autor que a tendência não seria retroceder, pois voltar ao passado é impossível; as soluções estão no pre-

sente e no futuro. Dessa maneira, a modernidade líquida “é, talvez mais do qualquer outra coisa, a *história do tempo*: a modernidade é o tempo em que o tempo tem uma história” (BAUMAN, 2001, p. 129, grifo do autor).

O que precisamos fazer para entrarmos em diálogo com as juventudes, uma vez que estamos interagindo no mesmo ambiente trabalho? Estamos precisando de mão de obra (pessoas)? Onde buscar? Onde estão os profissionais? Parte dessas questões foi discutida na dissertação, e algumas sugestões foram apresentadas.

Situações observadas em algumas empresas a partir da pesquisa:

a) nos processos seletivos, 30% das pessoas que são chamadas para iniciar o processo não comparecem às entrevistas e não realizam contato para desmarcar o compromisso assumido. Esse dado foi comprovado por observação nos processos seletivos em um período de 12 meses junto à área de recrutamento e seleção de determinada empresa. A faixa etária desse grupo é de 18 a 40 anos. O fato ocorre mais entre os jovens;

b) na matriz de uma empresa de *call center* que emprega aproximadamente 5.000 funcionários, localizada na cidade de São Paulo, questionando-se a mesma temática, os dados foram mais alarmantes: ao realizar-se contato com um grupo de aproximadamente 400 pessoas, cerca de 150 comprometeram-se a comparecer nas entrevistas; porém, somente 100 pessoas desse grupo compareceram. Trata-se de um percentual altíssimo, de aproximadamente 70% de faltas. A faixa etária comentada na alínea “a” é a mesma para São Paulo;

c) em uma das empresas pesquisadas, o acesso aos *sites* das redes sociais era liberado, pois era uma das ferramentas de trabalho. O que percebemos como negativo entre os jovens foram demissões devido a exposições exageradas. Na ocasião, observamos o arrependimento decorrente da exposição exagerada sem que houvesse previsão das consequências de tal ato. Às vezes, aprender ou amadurecer custa caro. Nesse caso, o aprendizado veio da pior maneira;

d) em certa ocasião, na busca por mão de obra qualificada, além da exposição da vaga em *sites*, redes sociais, escolas e universidades, entre outros meios, optamos por anunciar a vaga também em um dos jornais de maior circulação do RS. Tal jornal apresentava duas opções para envio dos currículos, sendo por e-mail e caixa postal do próprio jornal. Pelo primeiro método, houve muitos retornos; pelo segundo, somente uma resposta, oriunda de um profissional de 70 anos de idade que, pelo currículo apresentado, não estaria dentro do perfil da vaga em questão em virtude da falta de qualificação. Contudo, o que realmente chamou a atenção foi o baixíssimo retorno por essa via. Em outras empresas ouvidas, utilizando-se essa mesma prática, há exatos quatro anos o retorno pela caixa postal tinha excelente representatividade. Esse fato demonstra a rapidez das mudanças nos hábitos dos jovens;

e) ainda com foco no ambiente empresarial, faz-se relevante mencionar, com base na fala dos gestores entrevistados, que em alguns e-mails recebidos percebia-se certa agressividade ou algum desconhecimento sobre hierarquias. Os jovens não questionavam, mas acusavam, afirmando fatos que desconheciam, apresentando como exemplo interpretações errôneas de legislações trabalhistas.

O individualismo, segundo Gonçalves (2005), é marca da sociedade contemporânea. O autor cita as pessoas que vivem nas grandes metrópoles, movidas pela competição e pelo consumo. Afirma, utilizando termo cunhado por Guy Debord, que a “sociedade do espetáculo” dita modos de pensar, sentir, agir, com foco principal entre os jovens, sendo essa faixa etária a mais vulnerável aos apelos do individualismo e do imediatismo.

Mundo contemporâneo e mudanças

Vivemos a era da informação, na qual o mundo pede agilidade, inovação, criatividade; isso se faz necessário para enfrentar as mudanças. Somos colocados à prova a todo o momento por oportunidades e ameaças em um ambiente altamente competitivo. Bauman (2001) cita a “instantaneidade” como realização imediata. Menciona também exaustão e desaparecimento do interesse. A distância de tempo que separa o começo do fim está diminuindo ou desaparecendo. Na cultura do imediatismo, percebemos uma geração que quer tudo para ontem, buscando os resultados sem ter vivido os processos. Quais serão, então, as lacunas desse novo modo de existir? Em conformidade com o autor, o curto prazo substituiu o longo prazo, sendo a instantaneidade o ideal.

De acordo com Fleury e Fleury (2003 apud SOUZA; LIMA; COSTA, 2008), o capitalismo globalizado trouxe às organizações transformações muito rápidas. É preciso adaptar-se às rápidas mudanças impostas pelo mercado aos seus negócios. Isso impacta diretamente o modo de produzir bens e serviços, envolvendo as pessoas que fazem parte de todo esse processo.

Para Antunes e Alves (2004), a classe trabalhadora não é a mesma de décadas anteriores; ela sofreu mutações com reflexo global, as quais geraram redução do proletariado chamado binômio taylorismo/fordismo e fizeram surgir novas formas de trabalho com os chamados subcontratados ou terceiros, com a inserção de mão de obra feminina e uma migração de funcionários das indústrias para a área de serviços.

Em um ambiente mutável, deverão existir adaptações e ajustes. As empresas deste século recebem os jovens que são formados pelas famílias também transfiguradas em suas formas de organização e funcionamento. Essas famílias estão sendo bombardeadas por mudanças muito rápidas devido aos fenômenos do capitalismo globalizado.

Sarti (2004) entende que poderá estar em jogo a idealização do universo da família. Quando se avalia o saber de cada um, baseamo-nos na formação técnica e científica. A autora defende a necessidade de entender, ainda, o que se passa dentro o universo familiar no que tange a conhecimento; ela reforça que as famílias e os jovens precisam ser ouvidos. Existe uma tendência à desqualificação do jovem e da sua família perante a sociedade quanto a expressarem o que pensam e serem respeitados diante de suas crenças.

Entendemos como contraponto do mundo contemporâneo o desemprego entre os jovens:

O desemprego entre jovens de todo o mundo atingiu, em 2009, o mais alto dos patamares já registrados. [...] Em 2011 o índice deveria chegar dos 620 milhões de jovens economicamente ativos com idade entre 15 e 24 anos, 81 milhões estavam desempregados no final de 2009. A OIT jamais registrara nível tão alto anteriormente: aproximadamente um em cada oito jovens sem trabalho [...]. Em 2007, a taxa de desemprego dos jovens era de 11,9%. Em 2009, a porcentagem saltou para 13%. (REPÓRTER BRASIL, 2010)

Como os jovens contemporâneos, contudo, buscam colocação no mercado de trabalho? E, quando o fazem, o que esperam das empresas? Será que não existe um grau de exigência alto para quem está debutando no mercado? Para esclarecer tais questões, busca-se aqui o entendimento sobre como o jovem deste século constrói a sua profissionalidade.

O que fazem os jovens contemporâneos que não possuem trabalho? Como preenchem seu tempo? Eles não trabalham porque não querem ou porque realmente não existe trabalho para eles? Outro fator que é preciso abordar diz respeito às novas tecnologias presentes nos lares, nas escolas, nas universidades, nas empresas e nos relacionamentos por intermédio das redes sociais. Quais são os prós e os contras de estar conectado durante 24 horas por dia? Como os jovens, seus familiares e as empresas administram essa questão? Como as empresas controlam os acessos a tais redes (Whatsapp, Facebook, Twitter, entre outras)?

Essa nova maneira de viver e de perceber o mundo, com acesso a uma gama enorme de informações, faz aflorar nos indivíduos uma maior capacidade de reflexão (BENJAMIN, 1983; GIDDENS, 1994 apud SETTON, 2005). A partir das considerações de Giddens (1991; 1994 apud SETTON, 2005), sugerimos que está surgindo um novo homem, que pensa sobre si e sobre o modo como interage com o mundo, o qual precisa reinventar-se de tempos em tempos, reestruturar-se, certamente com o intuito de melhorar sempre; porém, apenas o tempo dirá se dará certo novamente. São os ciclos que norteiam nossas vidas: sai o velho para dar lugar ao novo.

No tocante aos modos como as pessoas comunicam-se, Illouz (2011) observa a importância de respeitar-se mais os sentimentos. Percebemos a vida íntima sendo mais exposta sob a forma de um novo modelo de cultura: as pessoas estão se comunicando mais, inclusive no ambiente de trabalho; os afetos são pensados, expressados, discutidos, negociados e justificados, tanto na família quanto nas empresas. A autora sugere que o responsável pela sentimentalização na esfera pública foi a terapia, aliada ao feminismo. A comunicação está inserida nas relações de trabalho e nas relações conjugais, nas quais põe em prática a nova demanda de o sujeito ser reconhecido publicamente pelos outros.

Entendemos ser essa uma falha das empresas: estávamos acostumados a receber as ordens de cima, e o jovem deste século pede para dialogar mais e negociar.

Ser jovem

Para Abramo (1997), os jovens voltam a ser tema de investigação e reflexão em teses de mestrado e doutorado. Todavia, segundo o autor, os enfoques continuam sendo instituições de ensino, família, sistemas jurídicos ou penais, quando se trata de jovens em situações de risco ou problemáticas, mas poucas dessas investigações buscam entender como esses jovens vivem e elaboram tais situações.

Por isso, o propósito deste artigo foi investigar os jovens na problemática da construção da profissionalidade, buscando apreender seus anseios, seus medos, suas aspirações, enfim, o que norteia essa construção, mas com um olhar mais hermenêutico.

Como mencionado no Seminário da Unesco (GOMES, 2011), as juventudes, pela sua diferenciação interna, são formadas por um grupo frágil no Brasil e no mundo. Possuem pouca participação para fazer parte da sociedade e exercer sua cidadania. No entanto, não podem ser vistas como uma promessa de futuro de algo que esteja muito longe ou inatingível. À medida que a população envelhece em todos os continentes, as juventudes passam a ser a sustentação do presente e do futuro.

Willis (2005) fala sobre um fenômeno que tem inquietado pesquisadores no que concerne à juventude: trata-se da permanência dos jovens adultos por um tempo maior na casa dos pais. O autor comenta que esse fenômeno vem sendo observado desde meados da década de 1980. Trata-se da chamada Geração Net, conforme Don Tapscott (apud WILLIS, 2005), ou Geração Y, que compreende os nascidos entre 1975 e 1989, de acordo com Catanante e Filliage (2011). Podem ainda ser chamados de geração da rede, geração digital, geração instantânea, geração *ciber*, como reforçam Venn e Vrakking (2009).

Todavia, o fato é que essa geração difere das demais pelo simples fato de ter nascido e crescido em uma era digital: a tecnologia moldou seu modo de ser. Esses jovens pensam em redes e de maneira mais colaborativa, se comparados a gerações anteriores. São aparentemente movidos por desafios, e ocorre que as empresas não têm desafios o tempo inteiro, o que acreditamos gerar um impasse.

Vale avaliar os prós e os contras desses novos modos de viver, estudar e trabalhar, segundo Venn e

Vracking (2009), em vez de considerá-los ameaças. Os autores sugerem olhar os valores dessa geração no sentido de ajustar o sistema educacional a fim de atender às necessidades da sociedade futura.

Willis (2005) denomina essa fase como uma nova idade da vida e a chama de pós-adolescente. Cita algumas razões para o fenômeno: por um lado, há mais acesso à educação, e a extensão da escolaridade obrigatória levaria os jovens a estudarem mais; por outro, existem as dificuldades de sua inserção no mercado de trabalho, pois há, segundo o autor, uma exigência maior das novas gerações, que não conseguem concretizar seus projetos pessoais devido a ofertas de trabalhos temporários e a rendimentos insuficientes. A conclusão dos estudos aliada ao início da vida ativa tem levado esses jovens a postergarem a saída da casa dos pais.

Ainda para Willis (2005), a justificativa de permanência por um tempo maior não se dá somente pelas razões supracitadas, pois argumenta que mesmo os jovens que trabalham optam por permanecer na casa dos pais, ainda que sejam independentes financeiramente. Aponta como causas um período de experimentação e um aproveitamento maior da juventude, até que realmente venham a assumir as responsabilidades de adulto.

Como nos diz Peralva (1997 apud DAYRELL, 2003), a juventude é uma junção da condição social a um tipo de representação, dependendo de uma série de fatores que influenciam essa fase da vida. Essa diversidade irá se concretizar conforme condições sociais (classes sociais), culturais (etnias, religião, valores), gêneros e regiões geográficas.

Para Charlot (2000 apud DAYRELL, 2003), o jovem é um ser humano aberto ao mundo, que possui a sua história, é movido por desejos e interage com outros sujeitos. É um ser singular, que percebe o mundo e lhe dá sentido, ocupando nele uma posição. Para esses autores, tal sujeito é ativo.

Kehl (2004) entende ser difícil definir juventude. É um conceito bem elástico, abrangendo dos 18 aos 40 anos. Envolve a maneira como cada um se vê, tem a ver com perfil e representa uma fatia de mercado à qual todos querem se incorporar. Em consonância com a autora, se pularmos a fase adulta, passaremos direto da juventude para a velhice, ou a então chamada “terceira” ou “melhor idade”. Defende, ainda, que o prestígio da juventude é recente, citando a década de 1920, quando o Brasil era povoado por velhos – não na idade, mas nos hábitos. Vê a fase da juventude como os anos dourados da vida.

Podemos chamar de adolescente, nos dias atuais, uma pessoa de 20, 25 anos. Isso dependerá da maneira como ela se coloca diante da vida: se for totalmente dependente, irresponsável, podemos classificá-la como adolescente, não generalizando e afirmando que essas sejam características que definam o perfil do adolescente.

No que se refere a comprometimento, Senge (1990) diz existir uma diferença entre disciplina e comprometimento: disciplina é cumprir à risca o que é determinado, enquanto o comprometimento envolve paixão, fazer porque acredita. Isso sugere que o envolvimento das juventudes com as atividades seria dado atualmente muito mais por comprometimento do que por obediência às normas disciplinares. Mas, nesse caso, como favorecer esse comprometimento, esse desejo, essa vontade?

Com relação ao comportamento e à postura dos jovens, Gonçalves (2005) cita, em um primeiro momento, o conflito e a busca pela experimentação e, em um segundo momento, a postura individualista e narcisista. O autor considera esses dois pontos típicos da sociedade em geral, com um foco maior nas juventudes contemporâneas. Assim, compreender o que leva as juventudes a agirem de tal maneira, buscando entender o porquê da experimentação, do individualismo e do narcisismo, fez-se necessário neste estudo. Até que ponto essa maneira de ser dos jovens globalizados, expostos por meio das redes sociais e

da internet, poderá interferir na construção de sua profissionalidade?

Sarti (2004) vê a economia capitalista como mola propulsora para o consumismo, e nela o jovem ganha mais espaço, já que as pesquisas de marketing o definem como uma nova fatia de mercado. Passa a ser considerado cidadão, por ser um consumidor em potencial. Esse adolescente pós-moderno que a autora menciona usufrui de todas as liberdades da vida adulta, mas também é superprotegido. Até que ponto essa superproteção pode atrapalhar a transformação de jovens em adultos maduros? Como as empresas que recebem esses jovens percebem e lidam com tal problemática? Todas essas são inquietações que vão sendo produzidas em nós à medida que avançamos na construção de nossas ferramentas teóricas.

Como reforça Willis (2005), nossa vida cotidiana habitual é buscar sentido. Nós seres humanos, em nossa maioria, somos levados à luta pela sobrevivência a partir da produção, porque buscamos uma compreensão sobre qual é o nosso papel neste mundo. Segundo o autor, a identidade que buscamos deve ser viável, e temos que acreditar que essa busca valerá a pena, para então termos motivação e continuarmos seguindo em frente. O autor reforça que talvez o equilíbrio nessa busca tenha se modificado, dificultando a formação de seres humanos mais empenhados na construção do seu mundo cultural em vez do mundo material.

O jovem que faz parte dessa juventude globalizada cresce e entra no mundo do trabalho. Como ele reage? O que o mercado espera dele? Como se sente esse jovem? O que significa o trabalho para os jovens e para essas juventudes globalizadas?

Juventudes e trabalho

“No Brasil, o trabalho também faz a juventude.”

(SPOSITO apud ANDRADE, 2008, p. 25)

Em conformidade com Bauman (2001), a descorporificação do trabalho mostra-nos a ausência de peso do capital. O autor usa o termo descorporificação como sendo “trabalho sem corpo”.

São os modos de produção que diferenciam os vários tipos de sociedade que tivemos. A produção é a junção dos meios de produção (equipamentos, técnicas, matéria-prima) com a força de trabalho, condições mínimas necessárias para que se realize qualquer atividade produtiva.

O homem vive em sociedade e organiza sua atividade de modo a poder garantir a produção dos materiais necessários à sua sobrevivência. As relações de produção são resultados das interações sociais dos homens (OLIVEIRA, 1999 apud DOMINGUINI; ORTIGARA, 2009).

O trabalho pode ser considerado o alicerce de nossas vidas. Por intermédio dele, alimentamo-nos, vestimo-nos e relacionamo-nos. Essa organização social dinâmica é produto das ações humanas; contudo, existem mudanças nesse sentido que estão sendo alavancadas pelas novas exigências da juventude, que busca “sentido”.

É totalmente diferente dizer que uma vida cheia de sentido resume-se exclusivamente ao trabalho. Na busca por uma vida cheia de sentido, a atividade laborativa – que está muito próxima da criação artística – transforma-se em elemento humanizador (ANTUNES, 2000 apud COLLI, [200-?], p. 140).

Ainda em concordância com Antunes (2000), resenhado por Colli ([200-?]), a sociedade é regida pela lógica do capital, não existindo, assim, domínio dos indivíduos sobre a organização social. Isto é, pela lógica do capitalismo, existe pouco ou nenhum tempo livre, e, sem tempo livre, não existe autorrealização.

Buscamos apreender o quanto seria esse tempo livre que a juventude busca e quais seriam os caminhos para as empresas, já que, pela lógica do capital e do consumo, temos que continuar produzindo bens e serviços, e essa produção é realizada a partir das pessoas. Acabamos consumindo o que nós mesmos produzimos; se não fizermos isso, quem fará?

De acordo com Antunes e Alves (2004), a globalização trouxe uma nova maneira de ser do trabalho, e, para compreender essa nova forma e a classe trabalhadora nos dias de hoje, é preciso partir de uma concepção ampliada de trabalho. Ela compreende a totalidade dos assalariados, homens e mulheres que vivem da venda da sua força de trabalho, não se restringindo aos trabalhadores manuais diretos, mas incorporando também a totalidade do trabalho social (chamado terceiro setor) e a totalidade do trabalho coletivo, que vende sua força de trabalho como mercadoria em troca de salário.

Os seres humanos precisam preencher suas vidas diárias, e um dos meios para isso, como menciona Bauman (1998), é a busca da sobrevivência e do engrandecimento, a procura pelo prazer, o poder, a política e a economia. Esse meio de sobrevivência, para a maioria da população mundial, vem por intermédio do trabalho. Essa é uma prática globalizada; sabemos que nem todos os países são desenvolvidos, mas a busca pela sobrevivência está presente nos seres humanos dos mais diversos modos.

Maffesoli (2003) entende que, por meio da hermenêutica, podemos buscar compreender as muitas expressões contemporâneas da presença das juventudes no mundo. As experiências, tanto dos jovens quanto dos gestores, nos conduzirão a buscar dar sentido, “apesar de tudo”, a uma vida com imperfeições, mas consciente de que é a única que temos, respeitando suas peculiaridades.

Bauman (2001) nos refere que a marca registrada da sociedade moderna são os indivíduos e os seus projetos pessoais. A renegociação e a reformulação diária desses indivíduos em relação à maneira como se apresentam e como se relacionam com os demais se chama sociedade, e é dessas intrincadas relações que tratamos quando nos debruçamos sobre as juventudes na contemporaneidade. As juventudes são bastante diversas para que tentemos fixá-las em uma identidade única e descrevê-las terminantemente. Diferentemente do que imaginávamos no começo deste percurso, quando pretendíamos descrever certo perfil da “Geração Y”, foi possível compreender que as juventudes precisam ser tratadas na complexidade do alfabeto inteiro, de A a Z.

Considerar que todos os jovens que nasceram em determinado período pertencem a um único grupo, como tem sido caracterizada a Geração Y, é esquecer as diferenças regionais e as desigualdades sociais da juventude brasileira. Alguns poderiam enquadrar-se nesse perfil, mas trata-se de uma minoria frente a grande parte de jovens, visto que, apesar da existência de redes sociais, *internet*, enfim, tecnologias que deveriam aproximá-los desse modelo, tais recursos por vezes reforçam a distância que se pretende eliminar. A juventude, portanto, não é um grupo único; é formada por uma diversidade de grupos, os quais trazem consigo particularidades regionais, étnicas e culturais. As juventudes brasileiras são diversas, e é necessário conhecê-las (ROCHA-DE-OLIVEIRA; PICCININI; BITENCOURT, 2012).

Antunes (2009) sugere que práticas como os meios cooperativos de trabalho, a ética, a arte, a filosofia, o tempo verdadeiramente livre e um pouco de ócio vêm ao encontro das necessidades que permeiam a vida cotidiana contemporânea, possibilitando novas formas de sociabilidade. Uma junção de liberdade e necessidade no sentido de realização. Lembra-nos o autor que isso somente será possível se existir uma ruptura com a lógica destrutiva do capital, sendo essa lógica hoje a que prevalece na sociedade.

As linhas de análise emergentes do estudo permitiram considerar que os jovens respondem de maneira menos típica do que imaginávamos inicialmente aos apelos da cultura do imediatismo, característica do capitalismo contemporâneo. Evidentemente, são “pegos” pela pressão por ascensão social e consumo

– como todos nós, em alguma medida –, o que caracteriza nossa cultura; entretanto, também oferecem resistências a esse modo hegemônico de produzir e descrever as juventudes. Alimentam sonhos, expectativas, assumem valores de suas famílias e dispõem-se a levá-los adiante, desde que os considerem legítimos; mostram-se autocríticos e capazes de questionar arbitrariedades, esforçam-se para atingir metas estabelecidas por si próprios, pensam e discutem sua própria condição. Ainda assim – eventual e inevitavelmente –, angustiam-se diante da pressão por sucesso e das exigências de um mundo cada vez mais competitivo, atropelam e atropelam-se na ânsia por chegar depressa, muitas vezes sem saber exatamente onde e para quê. Enfim, o conjunto dos sentidos que foi possível apreender serve como um exemplar bastante característico das contradições do mundo em que vivemos.

No tocante aos objetivos específicos que nos propomos analisar, tecemos as seguintes considerações: no levantamento realizado a partir das entrevistas, na faixa etária analisada, os jovens deixam claro o que buscam tanto nas empresas em que atuam quanto para suas vidas futuras. Eles mostram que sonham alto e sabem o que precisam para alcançar seus objetivos.

Esses jovens buscam trabalho com sentido e uma vida com sentido, não dissociando um do outro, e reforçam que um dos pontos cruciais para que possam alcançar tal meta é a implantação do plano de carreira nas organizações. Essa é uma sugestão para que as empresas dos mais diversos segmentos – escolas, universidades, empresas privadas e públicas – criem mecanismos de implantação de tal ferramenta. Isso poderá reter os jovens, que vislumbrarão um norte, sabendo aonde poderão chegar e o que será necessário para que tal objetivo possa ser alcançado. Trata-se de continuarmos a dialogar com os jovens, sem tanto receio ou preconceito, e com eles construirmos novos sentidos para o trabalho e para a vida.

Considerações finais

Partindo do problema demarcado com este estudo, o trabalho teve como objetivo geral produzir conhecimentos e saberes relacionados às juventudes e à construção da sua profissionalidade, não apenas na direção de descrevê-las, mas sobretudo de refletir dialogicamente sobre as possibilidades de produzir um trabalho e uma vida com sentido. Fora percebido na fala dos jovens essa necessidade de mais diálogo, sendo esse o ponto crucial de entendimentos e da busca de soluções juntos.

Todos os jovens entrevistados pertencem à classe média e, na sua maioria, estudaram ou estudam em universidades particulares. Trata-se de um recorte bastante particular de uma realidade imensa e multifacetada que constitui o campo das juventudes brasileiras. Ainda que sem pretensões generalizadoras ou de encerramento da discussão, a dissertação, que foi a base para este artigo, buscou oferecer elementos para se pensar sobre a construção da profissionalidade dos jovens e as implicações disso no sentido de suas vidas.

As linhas de análise emergentes do estudo permitiram considerar que os jovens respondem de maneira menos típica do que imaginávamos inicialmente aos apelos da cultura do imediatismo característica do capitalismo contemporâneo. Evidentemente são “pegos” pela pressão por ascensão social e consumo – como todos nós, em alguma medida –, o que caracteriza nossa cultura, mas também oferecem resistências a esse modo hegemônico de produzir e descrever as juventudes. Alimentam sonhos, expectativas, assumem valores de suas famílias e se dispõem a levá-los adiante, desde que os considerem legítimos; mostram-se autocríticos e capazes de questionar arbitrariedades, esforçam-se para atingir metas estabelecidas por si próprios, pensam e discutem sua própria condição. Ainda assim – eventual e inevitavelmente –, angustiam-se com a pressão por sucesso e com as exigências de um mundo cada vez mais competitivo, atropelam e atropelam-se na ânsia por chegar depressa, muitas vezes sem saber exatamente onde e para quê. Enfim,

o conjunto dos sentidos que foi possível apreender serve como um exemplar bastante característico das contradições do mundo em que vivemos.

No entanto, longe de reforçar os discursos que tentam fixar as juventudes contemporâneas em uma identidade desolada de falta de perspectivas e potencial, este estudo corrobora aquelas perspectivas que as tratam como sintoma da cultura. Nesses jovens nos enxergamos também nós, adultos, com todas as ambiguidades, as incertezas e as esperanças de nosso tempo. E este pode ser considerado um ponto positivo deste estudo, jovens e adultos, podem sim, dialogar com o objetivo de construção.

As juventudes são bastante diversas para que tentemos fixá-las em uma identidade única e descrevê-las terminantemente. Diferentemente do que imaginávamos no começo deste percurso, ao pretender a descrição de certo perfil da “Geração Y”, foi possível compreender que as juventudes precisam ser tratadas na complexidade do alfabeto inteiro, de A a Z.

No início deste estudo, os jovens foram percebidos como indisciplinados e, por vezes, até arrogantes. Porém, após ouvi-los, pode-se perceber a necessidade de atuação em conjunto, onde várias gerações em um mesmo ambiente de trabalho, pode ser muito agregador.

Partindo de uma parcela intencional limitada, não existe a pretensão de esgotar o tema e muito menos de generalizar os resultados apresentados, mas podemos considerar que este estudo possa ser um ponto de ancoragem para novas pesquisas tanto na área da educação quanto na de gestão de pessoas.

Reforçamos, que se trata de continuarmos a dialogar com os jovens, sem tanto receio ou preconceito, e com eles construirmos novos sentidos para o trabalho e para a vida.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, n. 5 e 6, p. 25-36, maio/dez. 1997.
- ABRAMOVAY, Miriam; ESTEVES, Luiz Carlos Gil. Juventude, juventudes: pelos outros e por elas mesmas. In: ABRAMOVAY, Miriam; ANDRADE, Eliane Ribeiro; ESTEVES, Luiz Carlos Gil (Org.). **Juventudes: outros olhares sobre a diversidade**. Brasília: Ministério da Educação; Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; Unesco, 2007.
- ANDRADE, Carla Coelho de. Juventude e trabalho: alguns aspectos do cenário brasileiro contemporâneo. **Mercado de Trabalho**, n. 37, p. 25-32, nov. 2008.
- ANTUNES, Ricardo Luiz Coltro. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2009.
- _____. Os sentidos do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2000. Resenha de: COLLI, Juliana Marília. **Outubro**, n. 5, p. 139-158, [200-?]. Disponível em: <http://www.revistaoutubro.com.br/edicoes/05/out5_resenhas.pdf>. Acesso em 16 maio 2012.
- _____; ALVES, Giovanni. As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 25, n. 87, p. 335-51, 204.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- _____. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- CASE-STUDY NESTLÉ. O novo “paternalismo” de Ivan Zurita: exemplo de gestão orientada para a liderança. **Revista da ESPM**, p. 92-101, jan./fev. 2009.
- CATANANTE, Benne; FILLIAGE, Miguel. **Gerações X, Y, Z's na visão de um baby boomer (e vice-versa)**. Pinhais: Melo, 2011.

- DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 24, p. 40-52, set./dez. 2003.
- DOMINGUINI, Lucas; ORTIGARA, Vidalcir. Educação e formação humana: um debate histórico-ontológico. **Ecocos – Revista Científica**, v. 11, n. 2, p. 509-28, jul./dez. 2009.
- DRUCKER, Peter. **Sociedade pós-capitalista**. São Paulo: Pioneira, 1993.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008. Disponível em: <https://identidadesculturas.files.wordpress.com/2011/05/geertz_clifford-_a_interpretac3a7c3a3o_das_culturas.pdf>. Acesso em: 27 maio 2012.
- GOMES, Candido Alberto (Org.). **Juventude**: possibilidades e limites. Brasília: Unesco; UCB, 2011.
- GONÇALVES, Hebe Signorini. Juventude brasileira entre a tradição e a modernidade. **Tempo Social – Revista de Sociologia da USP**, v. 17, n. 2, p. 207-19, 2005.
- ILLOUZ, Vera. **O amor nos tempos do capitalismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- KEHL, Maria Rita. A juventude como sintoma da cultura. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo. **Juventude e sociedade**: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Perseu Abramo, 2004.
- MAFFESOLI, Michel. **O instante eterno**: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas. São Paulo: Zouk, 2003.
- NERI, Marcelo Cortes (Coord.). **A educação profissional e você no mercado de trabalho**. Rio de Janeiro: FGV/CPS, 2010.
- OLIVEIRA, Sidnei. **Geração Y**: o nascimento de uma nova versão de líderes. 3. ed. São Paulo: Integrare, 2010. p.152
- REPÓRTER BRASIL. **Contingente de jovens desempregados nunca foi tão grande**. 2010. Disponível em: <<http://www.reporterbrasil.org.br/exibe.php?id=1779>>. Acesso em: 15 abr. 2012.
- ROCHA-DE-OLIVEIRA, Sidinei; PICCININI, Valmiria Carolina; BITENCOURT, Betina Magalhães. Juventudes, gerações e trabalho: é possível falar em Geração Y no Brasil? **Organizações & Sociedade**, Salvador, v. 19, n. 62, p. 551-8, jul./set. 2012.
- SARTI, Cynthia. O jovem na família. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo. **Juventude e sociedade**: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.
- SENGE, Peter. **A quinta disciplina**. 1990. Disponível em: <softwarepublico.gov.br/file/16685703/quintasenge.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2012.
- SETTON, Maria da Graça Jacintho. A particularidade do processo de socialização contemporâneo. **Tempo Social – Revista de Sociologia da USP**, v. 17, n. 2, p. 335-50, 2005.
- SOUZA, Elizabeth Ribeiro Martins Franco de; LIMA, Edson Pinheiro de; COSTA, Sergio Eduardo Gouvea da. **A gestão estratégica do conhecimento**: uma abordagem fundamentada no desenvolvimento de medidas de desempenho. In: CONGRESSO NACIONAL DE EXCELÊNCIA EM GESTÃO – RESPONSABILIDADE SOCIOAMBIENTAL DAS ORGANIZAÇÕES BRASILEIRAS, 4., 2008, Niterói. **Anais**. Niterói: CNEG, 2008.
- VENN, Win; VRAKING, Ben. **Homo Zappiens**: educando na era digital. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- WILLIS, Paul. Entrevista com Paul Willis. Entrevista a Melissa Mattos Pimenta. **Tempo Social – Revista de Sociologia da USP**, v. 17, n. 2, p. 323-33, 2005.